

BORGES E A TRADUÇÃO

Andréa Cesco
Universidade Federal de Santa Catarina
andrea.cesco@gmail.com

Resumo

Neste artigo procurarei mostrar um pouco do pensamento borgiano, no que se refere à tradução. E para isso utilizarei cronologicamente os seguintes textos do autor: “Las dos maneras de traducir” (1926), “Las versiones homéricas” (1932), “Los traductores de las mil y una noches” (1934), “Pierre Menard, autor Del Quijote” (1939) e “El enigma de Edward Fitzgerald” (1951). Paralelamente, farei aproximações entre o pensamento de Borges e de alguns teóricos da tradução: Schleiermacher, Benjamin, Leopardi.

Palavras-chave: Borges, tradução, teoria.

Abstract

In this paper I will show a little of the borgian thought on/concerning translation. In order to do that I will use, in chronological order, the following texts of the author: “Las dos maneras de traducir” (1926), “Las versiones homéricas” (1932), “Los traductores de las mil y una noches” (1934), “Pierre Menard, autor Del Quijote” (1939) and “El enigma de Edward Fitzgerald” (1951). Along with that I will make approximations between the way of thinking of Borges and the way of thinking of some translation theorists: Schleiermacher, Benjamin, Leopardi.

Keywords: Borges, translation, theory.

Borges sempre deixou claro, em sua autobiografia ou entrevistas, que sua cultura esteve repleta de traduções – isso inclui o ‘frequentar’ escritores de outros idiomas – e sempre acreditou que

traduzir era uma forma de criar uma cultura e de engrandecer uma língua, introduzindo nela os ecos de outras línguas.

Podemos dizer que não existe uma teoria, propriamente dita, borgiana da tradução, mas lendo os seus ensaios, resenhas, prólogos, entrevistas e ficções críticas, podemos encontrar observações brilhantes sobre a tradução, mas que não são absolutamente metódicas.

Neste artigo procurarei mostrar um pouco do pensamento borgiano, no que se refere à tradução. E para isso utilizarei cronologicamente os seguintes textos do autor: “Las dos maneras de traducir” (1926), “Las versiones homéricas” (1932), “Los traductores de las mil y una noches” (1934), “Pierre Menard, autor Del Quijote” (1939) e “El enigma de Edward Fitzgerald” (1951). Paralelamente, farei aproximações entre o pensamento de Borges e de alguns teóricos da tradução.

Para Borges não é necessária uma teoria da tradução; não há nenhum problema quanto à maneira como os homens traduzem, e sim em como traduzir esta ou aquela linha, este ou aquele parágrafo. Os problemas práticos da tradução só devem ser tratados, segundo ele, frente a textos concretos: um parágrafo, uma frase, um verso. O resto, diria ele, carece de sentido. Bruni, assim como outros teóricos, já havia exposto essa idéia. Ele dirá: “[...] o sentido das palavras avulsas é diferente das mesmas formando conjuntos frasais”¹.

Borges não só reprovava a tradução literal como não acreditava nela. Vejamos o seu comentário em uma conversa com Ernesto Sábato²: “eu conheci uma pessoa que traduzia palavra por palavra, e interrompia seu trabalho cada vez que tocava a campainha da porta. Imagine os disparates que saíam...”. E Sábato lhe responde que para traduzir não basta conhecer a fundo o idioma. “É preciso ler o livro profundamente, e além disso, conhecer a concepção geral do mundo que o autor tem”. Borges concorda e acrescenta: “Claro. Não é um trabalho técnico ou mecânico...”.

Sergio Pastormerlo³ diz que Borges opta precisamente pela direção contrária a que um teórico da tradução escolheria: em vez de usar certas reflexões sobre a literatura para construir uma teo-

ria da tradução, toma como ponto de partida as traduções para elaborar certas reflexões sobre a literatura: a figura do autor, a leitura, as crenças e as valorizações literárias.

“Las dos maneras de traducir”⁴ é o primeiro texto crítico borgiano dedicado à tradução. Nele o autor comenta a sentença italiana *traduttore traditore* dizendo que, ao contrário, acredita em boas traduções de obras literárias, e acrescenta que até os versos são traduzíveis. Mais adiante vamos ver o que Borges dirá dessa sentença italiana, numa entrevista de 1981, ou seja, 55 anos depois de escrever este artigo.

Borges, desde os seus primeiros textos, compreende que o gênero das traduções não ocupa um lugar lateral na história literária, e compreende também que muitos aspectos da literatura se deixam pensar melhor no espaço das traduções que em outras zonas literárias.

Como o próprio título revela, neste artigo Borges retoma a distinção habitual entre duas maneiras de traduzir: a clássica e a romântica. A primeira pratica a perífrase, enquanto a segunda a literalidade. À ideologia clássica importam menos os escritores que os textos, o tradutor não é obrigado a reter todas as irregularidades do texto original, já que estas pouco ou nada importam a partir da perspectiva impessoal. Segundo o autor, para esta ideologia a literatura é anônima e é de todos; os textos são rascunhos que admitem sempre uma correção, e os tradutores são aqueles que têm a oportunidade de realizá-la sem render homenagens às manias ou às distrações do escritor anterior. Quanto à ideologia romântica, a individualidade dos autores importa mais que os textos, o tradutor é um mal necessário, que se interpõe entre o texto original e o leitor.

Segundo Pastormerlo⁵, não faltam argumentos para sustentar que Borges aderiu a esta utópica ideologia clássica da literatura. Em várias de suas ficções aparecem personagens escritores que repetem textos alheios (Pierre Menard). No ensaio de 1922, “La nadería de la personalidad”⁶, Borges tentou dissolver a noção de

identidade pessoal com argumentos extraídos do idealismo, para logo aplicar à literatura as conseqüências dessa refutação filosófica. Nele se lê essa contundente certeza: “la personalidad de los seres humanos está, esencialmente, hecha de momentos, y, como ellos, es algo cambiante, contradictorio, puntual”. Não existe, segundo Borges, nada capaz de definir a um indivíduo para sempre, porque cada um é quem é, porque o dia-a-dia o tornou assim, apenas somos uma construção parcial, reflexo das circunstâncias vividas.

No segundo texto, “Las versiones homéricas”⁷, Borges comenta que as escrituras diretas, ou seja, os originais, são velados pelo temor de se confessar processos mentais, e pelo esforço em manter intacta uma reserva incalculável de sombra. Já, a tradução, parece destinada a ilustrar a discussão estética. O modelo proposto à sua imitação é um texto visível, e não um labirinto. Vale lembrar que Dryden foi o que introduziu a imitação. E Schleiermacher⁸ ressaltará também que a imitação é mais utilizada nas belas artes; com a diversidade das línguas, com a qual tantas outras diversidades estão ligadas, não restaria outra coisa a não ser esboçar uma imitação (2001, p. 41).

Borges indaga ainda sobre o que são as várias versões da *Iliada*, senão diversas perspectivas de um fato móvel, senão um longo lance experimental de omissões e de ênfases? “Presuponer que toda recombinación de elementos es obligatoriamente inferior a su original, es presuponer que el borrador 9 es obligatoriamente inferior al borrador H – ya que no puede haber sino borradores” (BORGES, 1996, p. 239). Essa frase sintetiza justamente a ideologia clássica da literatura. O autor, como vimos em “Las dos maneras de traducir”, voltará a afirmar que os textos são rascunhos. Mas, entendemos como rascunho àquele texto que sempre vai admitir uma correção, ou seja, uma nova tradução, uma nova maneira de interpretar, e não um conjunto de anotações que vão servir de base para dar feição ‘definitiva’ ao texto, porque para Borges “o conceito de texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço”.

Ainda neste texto, “Las versiones homéricas”, Borges dirá que a superstição da inferioridade das traduções procede de uma distraída experiência. Não há um bom texto que não pareça invariável e definitivo se o praticamos um número suficiente de vezes. Com os livros famosos, a primeira vez já é a segunda, posto que já os abordamos sabendo-os. A precavida e corriqueira frase ‘reler os clássicos’ se reveste de inocente veracidade. E assim diria ele:

O *Quixote*, graças a meu exercício congênito do espanhol, é um monumento uniforme, sem outras variações que as deparadas pelo editor, encadernador e o tipógrafo; a *Odisséia*, graças a meu oportuno desconhecimento do grego, é uma biblioteca internacional de obras em prosa e verso (Borges, p. 240).

Borges termina este texto afirmando que as tantas versões da *Odisséia* são todas sinceras, genuínas e divergentes. “Então qual das traduções é fiel? Todas, e nenhuma”.

Agora, vejamos o que Borges tem a dizer a respeito das traduções dos ‘seus’ textos para outras línguas. Em uma entrevista concedida a Olga Pinasco⁹ ele faz um comentário bastante interessante, que mostra o seu total desprendimento como ‘dono-autor’ do texto.

[...] no creo que lo que escribo merezca especial atención. ¡Y he sido traducido a tantos idiomas! Las traducciones hechas en idiomas que puedo examinar son excelentes. Como me dijo Norman Thomas de Giovanni, “Mi versión es superior al texto castellano”. Me lo dijo el mismo traductor. “Claro que sí”, le respondí.

E Olga Pinasco lhe pergunta: “¿No es mucho?”; e é neste momento que podemos confirmar que o seu discurso em “Las versiones homéricas”, seu pensamento em relação ao texto traduzido, vale também para os seus textos.

Es que él conoce el texto mejor que yo, que sólo lo escribí una vez. Él lo ha leído y ha tenido que traducirlo: puede hablar con mucho más propiedad. Porque lo que yo escribo trato de olvidarlo. Y no hay que atenerse a ese juego de palabras: traduttore-traditore.

Quanto ao terceiro texto, “Los traductores de las mil y una noches”¹⁰, Borges tece alguns comentários críticos a algumas traduções feitas de uma das mais famosas obras da literatura árabe, o *Quitab Alif Laila Ua Laila*, ou também conhecida como *Mil e uma noites*¹¹. Ele descreve a forma como foi lido e traduzido este repertório de relatos destinado a modificar de maneira profunda o imaginário coletivo do Ocidente. Segundo Gargatagli¹², em termos semelhantes aos que Benjamin utilizou em “La tarea del traductor” (1919), trabalho que prologa suas traduções dos *Tableaux parisiens* de Baudelaire, Borges – que nesse momento também está traduzindo – sugere aqui a teoria de que traduzir é um modo de ler. E ler é interpretar e reconstruir um texto. Ou seja, é uma operação semelhante à realizada pela crítica literária, mas entendida como múltiplas hermenêuticas, como formas diversas de entender e fixar o significado. Giacomo Leopardi¹³, em “Fragmentos sobre tradução” tem opinião semelhante ao Borges quando afirma que o tradutor é um leitor privilegiado.

De acordo com Borges, cada tradutor de *Las mil y una noches* dá conta da particular concepção da literatura que domina na sua língua. A de Antoine Galland estava direcionada aos franceses do século XVIII, isto é, aos racionais leitores de Racine e Corneille. A de Eduard Lane, primeira versão inglesa, é puritana, “centro de la lectura sin alarmas y de la recatada conversación”. A de Richard Francis Burton não esconde nenhum detalhe erótico. A de J. C. Mardrus não tem dúvida em aumentar, até inventar, “el color oriental” indispensável ao público do novo século, espectador extasiado dos “ballets rusos” de Diáguilev. As melhores traduções, opina Borges, não são as que restabelecem o significado

ou as palavras do original, mas as que estão melhor escritas. As mais agradáveis de ler.

De acordo com Monegal¹⁴, Borges, neste texto, continua com o seu habitual método de comentar textos selecionados, incluindo, ao mesmo tempo, outros que aclaram ou ilustram um determinado ponto. É um método de crítica que se aproxima mais da tradição inglesa do que da francesa. Segundo este, só uma vez Borges tenta ceder a um fragmento de teoria: ao discutir a tradução de Richard Burton e a sua relação com a de Galland e Lane, se refere rapidamente à disputa produzida entre o cardeal Newman e Matthew Arnold, durante 1861-1862. Enquanto Newman defendia o enfoque literal, Arnold propunha a eliminação de todos os detalhes que distraíam ou detinham a leitura. Vale lembrar que essa polêmica já havia sido descrita por Borges, exatamente com as mesmas palavras, em “Las versiones homéricas”.

Ainda neste texto, ele vai comentar sobre a opção de Burton em traduzir usando versos ingleses: “procedimiento de antemano infeliz, ya que contravenía a su propia norma de total literalidad. El oído, por lo demás, quedó casi tan agraviado como la lógica” (BORGES, 1996, p. 403). Étienne Dolet, quando expôs a quinta regra para se traduzir bem de uma língua para outra, comenta que essa quinta regra é tão importante, que, sem ela, qualquer composição fica pesada e pouco agradável.

La armonía del discurso, o cadencia oratoria, consiste en un enlace y una unión de las palabras con tal consonancia que no sólo sea placentera al alma, sino que también los oídos se sientan completamente fascinados y no se irriten jamás por tal armonía del lenguaje (DOLET *in* FURLAN, 2002, p. 299-230).

Retomando Pastormerlo¹⁵, este, em seu artigo, vai dizer que há uns dez ou quinze anos a crítica sobre Borges costumava repetir que em sua literatura se apagava a categoria de autor. Mas, se os exemplos anteriores, apresentados em “Las versiones homéricas”

e em “Los traductores de las 1001 noches”, parecem confirmar esta opinião é porque foram selecionados. Na realidade, de acordo com Pastormerlo, Borges afirma a figura do autor onde esta figura é firme, e a apaga onde é confusa. As idéias sobre tradução que Borges propõe nestes dois textos devem ser lidas com algumas precauções. O fato de que ele tenha escrito seus dois melhores ensaios acerca da tradução, sobre textos cujo idioma ignorava plenamente, é um exemplo da familiaridade irreverente com que Borges se movia pela literatura, mas explica também por que nesses dois casos a fidelidade ao texto original não o preocupava em absoluto. Por outro lado, se nestes dois ensaios concebe os textos originais como rascunhos perdidos e anônimos é porque tanto a *Odisséia* como *As mil e uma noites* efetivamente o são. Borges estabelece ali a possibilidade de uma ideologia clássica da literatura porque essas obras foram de fato produzidas sob o regime dessa ideologia. Quando os textos a traduzir são contemporâneos e pertencem, na sua versão original, à biblioteca borgiana, Borges é menos amável. Em sua resenha à tradução de Whitman, realizada por Leon Felipe, já não denuncia “la superstición de la normal inferioridad de las traducciones”, mas o inverso: “Otra vez enumeraré las supersticiones de la literatura; básteme, ahora, enunciar ésta: De todas las versiones de un libro la más reciente es la mejor”.

Nesse momento vou fazer um pequeno adendo para acrescentar uma observação que acredito ser importante: é quanto ao adjetivo ‘literal’ encontrado em alguns contos de *Ficciones*¹⁶. Vejamos como ele é empregado por Borges nestes exemplos:

Treviranus repuso con mal humor:

No me interesan las explicaciones rabínicas; me interesa la captura del hombre que apuñaló a este desconocido.

No tan desconocido –corrigió Lönnrot–. Aquí están sus obras completas. Indicó en el placard una fila de altos volúmenes:

una Vindicación de la cábala; un Examen de la filosofía de Robert Flood; una *traducción literal* del Sepher Yezirah [...] (“La muerte y la brújula”, p. 500)

Debo a la conjunción de un espejo y de una enciclopedia el descubrimiento de Uqbar. El espejo inquietaba el fondo de un corredor en una quinta de la calle Gaona, en Ramos Mejía; la enciclopedia falazmente se llama The Anglo-American Cyclopaedia (New York, 1917) y es una *reimpresión literal*, pero también morosa, de la Encyclopaedia Británica de 1902 (“Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, p. 431).

(Nota de rodapé) 1. Madame Henri Bachelier enumera una *versión literal* de la *versión literal* que hizo Quevedo de la Introduction à la vie dévôte de San Francisco de Sales. En la biblioteca de Pierre Menard no hay rastros de tal obra. Debe tratarse de una broma de nuestro amigo, mal escuchada (“Pierre Menard, autor del Quijote”, p. 446).

No primeiro exemplo, aparece para compor o texto uma tradução literal do *Sepher Yezirah*, que significa ‘Livro da Criação’, o livro sagrado dos judeus atribuído à Abraham; no segundo, já nas primeiras linhas do conto, aparece a reimpressão literal da famosa *Encyclopaedia Britânica*; e no terceiro, o comentário é sobre uma versão literal da versão literal de Quevedo. Neste último exemplo, trata-se de uma tradução de Quevedo para o espanhol, publicada em 1634.

Assim, conclui Ana Gargatagli & Juan Gabriel López Guix¹⁷, se o literal serve para dar trama e peso a uma ficção, é útil também, por outro lado, para desmontá-la. Porque, se reflexionamos um pouco, não há maior ficção que acreditar no que o literal evoca: a correspondência exata entre as línguas; entre um objeto e a palavra e o que a palavra representa; entre o que a linguagem diz e o que quer dizer. A tradução (tal como também observaram Walter Benjamin, George Steiner ou Paul de Man), sob sua aparência ino-

fensiva, revela que nada sabemos sobre o que a linguagem diz, ainda que seja sua função dissimula-la. E este caráter de simulacro, de escenificação de uma perpétua farsa, a converteu em um dos procedimentos prediletos de Borges para tecer suas ficções, que são enigmáticos espelhos de outras ficções.

E nesse sentido, dando seguimento ao texto, a relação do escritor argentino com a tradução vai muito mais além. Ela ocupará um lugar de destaque inclusive no seu processo criativo, como vimos acima, pois em Borges ela pode ser convertida em matéria literária, como é o caso de “Pierre Menard, autor Del Quijote”¹⁹, o terceiro texto aqui abordado. Neste, o autor desenvolve sob a forma de ficção a idéia insinuada nos textos anteriores analisados, “Las dos maneras de traducir” e “Las versiones homéricas”.

O conto é apresentado como uma resenha póstuma das obras de Pierre Menard (personagem fictício criado por Borges), um homem de letras francês que viveu na primeira metade do século XX. O narrador é um crítico literário que tenta apresentar o verdadeiro catálogo das obras de Menard, de quem se diz amigo, com o objetivo de retificar um catálogo recém-publicado, que considera falso e incompleto. Segundo o narrador, é fácil enumerar o que chama a obra “visível” de Menard; e ele nos apresenta dezenove obras (monografias, traduções, análises e alguns poemas) publicadas e não-publicadas, que sugerem, como escreveu Borges no prólogo de *Ficciones*, o “diagrama da história mental” de Menard: sua ideologia, suas concepções teóricas, seus desejos e até suas contradições.¹⁹

Neste conto Pierre Menard aparece como autor de uma tradução com prólogo e notas do *Libro de la invención liberal y arte del juego del axedrez* de Ruy López de Segura, de uma tradução manuscrita de *La aguja de navegar cultos* de Quevedo da *Introduction à la vie devote* de São Francisco de Sales. Pierre Menard, cuja versão do *Quixote* coincide palavra por palavra e linha por linha com a de Cervantes, é uma representação irônica do tradutor ideal. De acordo com Rosemary Arrojo (1986), Menard concebe o

texto como um objeto de contornos perfeitamente determináveis, acreditando, portanto, que seja possível, como sugerem os três princípios básicos de Tytler, reproduzir completamente as idéias, o estilo e a naturalidade de um texto original (p. 14).

De acordo com Pastormerlo, para Borges, comparar os textos idênticos e diferentes de Cervantes e Menard é comprovar a imperfeição inevitável de uma tradução perfeita, a irredutível margem de infidelidade à que deve se resignar a mais fiel das traduções do *Quixote*.

Além das citações de trechos de obras que ele leu e de autores os mais variados que acaba incluindo nos seus escritos, a tradução é usada também como recurso para dar verossimilhança a um texto. O narrador de “Tlön, Uqbar, Urbis Tertius”²⁰ se refere, no fim do relato que está revisando, a “una indecisa traducción quevediana (que no pienso dar a la imprenta) del *Urn Burial de Browne*”. Outras personagens que realizam esta tarefa são James Alexander Nolan, tradutor ao gaélico dos principais dramas de Shakespeare; Marcelo Yarmolinsky, entre cujas ‘obras completas’ encontra-se uma tradução literal del *Sepher Yesirah*; Jaromir Hladík, também tradutor do *Sepher Yesirah*, e Emil Schering, autor da versão alemã de *Den hemlige Frälsaren de Nils Runeberg*. Como podemos perceber também, segundo Gargatagli (2000):²¹

[...] os personagens de Borges não desempenham ofícios ou profissões fincadas na realidade, mas são escritores, tradutores. E os problemas destes personagens tampouco têm a ver com o mundo real: lhes preocupam as palavras, o tempo, a eternidade, a cabala, questões filosóficas ou teológicas (p. 160-1).

Quanto ao último texto que aqui será tratado, “El enigma de Edward Fitzgerald”²², também podemos perceber nele traços da utopia clássica. Borges buscou lugares da literatura em que a figura do autor se desfazia, como na tradução de Edward Fitzgerald das *Rubaiyat* de Omar Khayam. Nesse breve ensaio Borges anali-

sa a criticada versão inglesa e traça um paralelo entre o poeta persa e seu tradutor europeu que conta com frases como a seguinte: “la total hermosura de su obra las esconde con levedad”.²³

Borges metaforiza sobre este diálogo: Omar Khayam, o persa, é traduzido, sete séculos depois de ter escrito sua obra, por Edward Fitzgerald, o inglês, e essa tradução, diz Borges, estabeleceu uma perfeita e simétrica reunião de duas almas ao redor de um conjunto de textos. Era o espírito da palavra literária ou da eternidade do espírito que reunia a dois seres humanos: diferentes e, entretanto, profundamente semelhantes. A biografia do literato inglês lhe serve mais que nada para estabelecer um vínculo. Borges tenta provar que Omar Khayam ocupou a alma do seu tradutor para deixar-nos um poema magnífico.

Entretanto, ao mesmo tempo em que Borges procura valorizar todas as traduções, e acreditar que todas são verdadeiras, concorda que o tradutor deve saber quais são os seus limites naquela obra. Voltando a entrevista que teve com Sábato²⁴, em certo momento os dois comentam sobre as traduções de alguns títulos de livros. Sábato discorre sobre a má tradução do título do livro de Saint-Éxupéry, *Terre des Hommes*, que aparece traduzido como *Tierra de Hombres*, como se fosse ‘Terra de Machos’, “quando na verdade quer significar –e diz isso claramente – Terra dos Homens, a terra desses pobres-diabos que vivem neste planeta. Não só o tradutor não sabia francês, como não entendeu nada de Saint-Éxupéry e de sua obra inteira...”. Borges concorda com Sábato e acrescenta: “Claro, altera exatamente o título, que é onde mais trabalhou o autor. Quando escolheu um, é porque pensou muito nele. Ninguém, nem o tradutor, deve sentir-se no direito de mudá-lo”.

Borges, além de ‘teorizar’ sobre a tradução em vários dos seus textos, também foi um notável tradutor. Ao longo da sua vida traduziu, modificando sutilmente, o trabalho de muitos escritores, entre eles Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Hermann Hesse, Rudyard Kipling, Herman Melville, André Gide, William Faulkner, Walt Whitman, Virginia Woolf e G. K. Chesterton. Ele acreditava que a

tradução podia superar o original, e que a alternativa e contraditória revisão do original podia ser igualmente válida. Mais ainda, ele acreditava que o original ou a tradução literal não tinha porque ser fiel à tradução.

Segundo Gargatagli, o Borges tradutor pratica uma teoria que poderíamos chamar de “infidelidade criadora”. Ainda que não ignore a literalidade, as suas versões, bastante “autônomas”, pretendem reproduzir uma “emoção estética” que seja tão verossímil como a do original.

Notas

1. ARETINO BRUNI, Leonardo. “Sobre a tradução correta”, de 1420. Tradução de Rafael Carmolunga, in *A teoria da tradução na história: breve panorama*. Andréia Guerini e Mauri Furlan (orgs.), 2004.
2. SERRA, Alfredo. “Jorge Luis Borges e Ernesto Sábato: Guerra e Paz” in *Revista Status*, Rio de Janeiro, junho de 1975. p. 11. in Vogel, Daisi Irmgard. *Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista*. Florianópolis, 2002. 2º V. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Santa Catarina.
3. PASTORMERLO, Sergio. “Borges y la traducción” *Borges Studies on Line*. On line. J. L. Borges Center for St. & Documentation. Internet: 02/06/2004. (<http://www.hum.au.dk/romansk/borges/bsol/pastorm1.htm>)
4. (Ensaio) *Diário La Prensa*, Buenos Aires, 1º de agosto de 1926.
5. PASTORMERLO, Sergio. “Borges y la traducción” *Borges Studies on Line*. On line. J. L. Borges Center for St. & Documentation. Internet: 02/06/2004. (<http://www.hum.au.dk/romansk/borges/bsol/pastorm1.htm>)

6. Revista *Proa* N° 1, ano 1, Buenos Aires, agosto de 1922 Publicado posteriormente em *Inquisiciones*. Fonte: La Maga: Obras y artículos de e sobre J. L. Borges. Asociación Borgeseana de Buenos Aires. Internet: 18/06/2004. (http://www.lamaga.com.ar/php/borges.php?accion=Ver&archivo=1bi_1922_nadera.htm)
7. *La prensa*, Buenos Aires, 8 de maio de 1932. Publicado posteriormente em *Discusión*, 1932, in *Obras Completas*. V. I, Barcelona, Emecé, 1996.
8. SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução”, tradução de Margarete von Mühlen Poll, in *Clássicos da Teoria da Tradução – Antologia bilingüe / Alemão-Português*. Werner Heidermann, org. Florianópolis, UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
9. PINASCO, Olga. “Los escandinavos aman a Borges”, in *Claudia*, nº 292, Buenos Aires, outubro de 1981, p. 117-9. in Vogel, Dalsi Irmgard. Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista. Florianópolis, 2002. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Santa Catarina.
10. BORGES, Jorge Luis. *Historia de la Eternidad* (1936) in *Obras Completas*. V. I. Barcelona, Emecé, 1996. P. 397-413.
11. Conjunto de relatos anônimos cujo núcleo central, de origem hindu, foi modificado ao Persa, onde acabou tendo uma ambientação de cunho árabe antes de passar a Egípcio por volta do século XV. Foram, até 1704, parcialmente conhecidos no Ocidente pela transmissão oral, quando o arabista Antoine Galland publicou em francês o primeiro dos seis volumes de sua tradução de um manuscrito encontrado na Síria. Com o passar do tempo foram descobertos novos manuscritos, redatados em árabe vulgar, que completaram os textos já conhecidos, ou foram oferecidas variantes. Como não se conseguiu estabelecer um texto canônico, desenvolvido aproximadamente entre os séculos VIII e XVI, circulou em diferentes versões, algumas das quais foram analisadas por Borges neste ensaio, “Los traductores de las 1001 Noches” (*Historia de la eternidad*, 1936). Colección J. L. Borges – Fundación San Telmo. Internet: 23/06/2004. <http://fst.com.ar/f.htm>
12. GARGATAGLI, Ana & LÓPEZ Guix, Juan Gabriel. “Ficciones y teorías en la traducción: Jorge Luis Borges. Hostal, janeiro de 2004. Internet, 21/06/2004.

13. LEOPARDI, Giacomo. "Fragmentos sobre tradução", Tradução de Andréia Guerini, in *A teoria da tradução na história: breve panorama*. Andréia Guerini e Mauri Furlan (orgs.), 2004.
14. MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges, una biografía literaria*. México, Fondo de cultura económica, 1987. P. 243.
15. PASTORMERLO, Sergio. "Borges y la traducción" *Borges Studies on Line*. On line. J. L. Borges Center for St. & Documentation. Internet: 02/06/2004. (<http://www.hum.au.dk/romansk/borges/bsol/pastorm1.htm>)
16. BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. V. I. Barcelona, Emecé, 1996.
17. GARGATAGLI, Ana & LÓPEZ Guix, Juan Gabriel. "Ficciones y teorías en la traducción: Jorge Luis Borges. Hostal, janeiro de 2004. Internet, 21/06/2004. http://www.histal.umontreal.ca/espanol/documentos/ficciones_y_teorias_en_la_traducion.htm
18. BORGES, Jorge Luis. *Ficciones (El jardín de Senderos que se bifurcan - 1941)* in *Obras Completas*. V. I. Barcelona, Emecé, 1996. P. 444-450.
19. ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1986. P. 14.
20. BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. V. I. Barcelona, Emecé, 1996. P. 431-443.
21. GARGATAGLI, Ana Maria. "Borges fue un escritor precoz y también intenso" (entrevista), in *El lector de Jorge Luis Borges*, de Arturo Marcelo Pascual. Barcelona, Océano, 2000. P. 160-1.
22. *La Nación*, Buenos Aires, 7 de outubro de 1951. Publicado posteriormente em *Otras inquisiciones*, 1952, in *Obras Completas*. V. II. Barcelona, Emecé, 1996. P. 66-8
23. Colección Jorge Luis Borges – Fundación San Telmo. Internet: 21/06/2004. <http://fst.com.ar/f.htm>

24. SERRA, Alfredo. “Jorge Luis Borges e Ernesto Sábato: Guerra e Paz” *in Revista Status*, Rio de Janeiro, junho de 1975. p. 11. *in* Vogel, Daisi Irmgard. Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista. Florianópolis, 2002. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Santa Catarina.

Bibliografia

ARETINO BRUNI, Leonardo. “Sobre a tradução correta”, 1420. Tradução de Rafael Carmolingo, *in A teoria da tradução na história: breve panorama*. Andréia Guerini e Mauri Furlan (orgs.), 2004.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1986.

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. V. I, II e III. Barcelona, Emecé, 1996.

_____. *Textos Recobrados: 1919-1929*. Argentina, Emecé, 1997.

_____. *Textos Recobrados: 1931-1955*. Argentina, Emecé, 2001.

FURLAN, Mauri. La retórica de la traducción en el renacimiento: elementos para la construcción de una teoría de la traducción renacentista. Barcelona, 2002. Tese (Doutorado) - Universitat de Barcelona.

GARGATAGLI, Ana Maria. “Borges fue un escritor precoz y también intenso” (entrevista), *in El lector de Jorge Luis Borges*, de Arturo Marcelo Pascual. Barcelona, Océano, 2000.

LEOPARDI, Giacomo. “Fragmentos sobre tradução”, Tradução de Andréia Guerini, *in A teoria da tradução na história: breve panorama*. Andréia Guerini e Mauri Furlan (orgs.), 2004.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges, una biografía literaria*. México, Fondo de cultura económica, 1987.

PINASCO, Olga. “Los escandinavos aman a Borges”, in *Claudia*, nº 292, Buenos Aires, outubro de 1981. in Vogel, Daisi Irmgard. *Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista*. Florianópolis, 2002. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Santa Catarina.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução”, tradução de Margarete von Mühlen Poll, in *Clássicos da Teoria da Tradução – Antologia bilingüe / Alemão-Português*. Werner Heidermann, org. Florianópolis, UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SERRA, Alfredo. “Jorge Luis Borges e Ernesto Sábato: Guerra e Paz” in *Revista Status*, Rio de Janeiro, junho de 1975. in Vogel, Daisi Irmgard. *Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista*. Florianópolis, 2002. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Santa Catarina.